

BOLETIM

Ano II - Nº 4/Jun. 1999

# O GABELENSE

Associação dos Naturais, Ex-Residentes e Amigos da Gabela

Rua Américo Durão, Lote 13 C2 - 5º Dº - 1900 LISBOA

Tel.: 8482323

JOSÉ SANTOS

O OURO DA GABELA

## EDITORIAL

No limiar do vigésimo ano da existência da nossa Associação e do terceiro ano da publicação do nosso Boletim "O Gabeleense", sentimos cada vez mais que temos a obrigação de continuar, para não defraudar aqueles que nos têm incentivado numa tarefa que é do interesse geral: manter os convívios que anualmente fazemos, como ponto de reunião dos gabelenses, imprescindível para nos revermos e mitigar saudades; e, continuar a publicação periódica (semestral) do nosso Boletim, como elo de ligação dos gabelenses.

É oportuno e nunca demais salientar o apoio que temos recebido dos nossos associados pela sua comparência ao nosso encontro anual, sempre muito concorrido e cada vez com maior afluência; e, agora, dos colaboradores do Boletim, que o

mantêm com entusiasmo e com o envio dos seus artigos. Uns e outros são indispensáveis para que a nossa Associação sobreviva.

Novas aderências, que consideramos poucas, renovam esperanças de podermos manter e continuar a servir os interesses para que a nossa Associação foi criada: perpetuar, em Portugal, a existência das gentes da Gabela.

Contribua e colabore, porque com a cooperação de todos manteremos bem viva a chama de união dos gabelenses que é, na essência, em cada ano, reencontramo-nos e dar aquele abraço, para o ano seguinte.

*A Direcção da Associação*

## FALECIMENTOS

Não é fácil, por desconhecimento e, pelo melindre que pode ocasionar, participarmos o falecimento dos que nos deixam, mas por nos ter sido solicitado, resolvemos fazê-lo, apenas em relação a comunicações que nos sejam dirigidas para o efeito e/ou por termos tomado conhecimento.

Assim, com imenso pesar lamentamos comunicar o falecimento de António Pereira Leonardo, falecido em 14 de Janeiro de 1999. Era conhecido por Pereira da Lussamba e foi proprietário da Fazenda Stº. António do Cambório. Comunicação solicitada por seu filho António Brito Pereira.

Manuel Esteireiro Couto, falecido em 20 de Janeiro de 1999. Era o nosso querido "Tio Manel", que tanto admirei e considerei como o bom amigo e homem de bem. A minha homenagem - Silva Carvalho.

Às Famílias endereçamos as mais sentidas condolências.

*A Direcção da Associação*

## Índice

Do sonho à realidade .....	3
Opinião – Arte Literária .....	4
Opinião – Portugal dos Pequeninos .....	5
Recordando... Na Montanha .....	6
Recordar é viver (III) .....	7
De Jeep a Bissau (3ª Parte) .....	8
Uma reunião magna .....	13
Senhores do seu destino .....	15
Relatório de Contas .....	15
José Santos – O Ouro da Gabela .....	Última Página



### FICHA TÉCNICA



**Propriedade:** Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela

Rua Américo Durão, lote 13 C 2 – 5º Dtº – 1900 LISBOA – ☎ 01/848 23 23

**Redacção:** Todos os Gabelenses

**Composição Gráfica e Paginação:** Elsa de Almeida

**Periodicidade:** Semestral



## DO SONHO À REALIDADE

Agora, até já não são as coisas do tempo do kaparandanda que me apoquentam...

Estas enlevam-me, dão-me vida, fazendo-me sonhar, recordar criando-me, por vezes, uma nostalgia imensa e o consolo de ter nascido numa terra de que fui arredado e já não é minha por direito, que muito amei, à qual me afeiçoei e estarei sempre ligado por gratas recordações, sem saudosismos ou intenções de regresso (que hei-de visitar), mas apenas recordar o prazer de lá ter estado e regressado sem rancores, embora contrariado e obrigado.

Mas Portugal também é terra; terra de acolhimento, onde refizemos a vida, que para muitos foi madrasta. O presente dia após dia, tornou-se passado, pois já lá vão 25 anos.

Os que, como eu, tinham 40 anos ao chegar têm agora 65 anos e a vida continua... Temos o presente, mas há que preparar o futuro, não só dos que têm 65 anos, mas de todos, com mais ou menos idade, pois já passaram 25 anos desde que chegámos, a vida continua e temos o futuro para preservar...

Eu, com 65 anos, vivo o presente ansioso, a pensar no futuro, na forma de assegurar a velhice, sem solidão, receios e/ou ansiedade, pela falta de convívio, de como encontrar o aconchego para os últimos anos, em sossego, com companhia, compartilhando a vida em comum, em ambiente de conforto e calma, para ainda poder colaborar no que

considero solidariedade para com o próximo, ajudando a criar e conservar algo que possa beneficiar os mais desfavorecidos que necessitem de apoio.

Julgo já ser tempo, e temos condições para pensarmos numa "Fundação dos Gabelenses" que, sob a égide da nossa associação e com o patrocínio de todos os gabelenses, se dedicasse a uma obra de acção social, de utilidade pública, com a criação de um Centro Cívico para convívio.

O centro cívico manteria um centro de férias e também um Lar de Idosos, com uma estância de repouso onde, sem luxos mas com eficiência, pudéssemos proporcionar a todos os melhores serviços sociais e não só. Nesta estrutura é nosso intuito criar os meios próprios para proporcionarmos a todos os gabelenses um convívio permanente e um relacionamento contínuo, que até agora não foi possível.

Recordo que o mundo, em cada País, comemora o Ano Nacional do Idoso. Vamos pensar também nós neles, em todos...

Para isso, temos de encontrar um lugar próprio, com cerca de 5 a 6 hectares de terreno e/ou terreno com instalações adaptáveis, onde instalaríamos o nosso centro de convívio e os serviços próprios, com acomodações e refeições (restaurante e bar), e onde proporcionaríamos aos nossos associados um centro de férias e/ou fins

de semana a preços compatíveis; um lar para terceira idade; um centro de convívio para jovens e os serviços inerentes: piscina, parque de jogos e ainda uma zona de lazer e de ocupação com floricultura, fruticultura, horticultura e outros afins, que se mostrassem de utilidade para o desenvolvimento de um pólo de atracções como centro de recreio, que permita um convívio salutar e um maior estreitamento de laços de solidariedade entre os gabelenses, congregando idosos e jovens.

Para que se concretize o sonho, que não é de agora e em que acreditamos, necessitamos:

- a) Que haja um benemérito que patrocine a ideia, apoiando-nos com a cedência de um terreno e/ou instalações adaptáveis;
- b) O bom acolhimento da ideia entre os gabelenses interessados em contribuir e colaborar;
- c) O apoio generalizado para que a ideia vingue e se realize.

Pense na sua contribuição e nos resultados da ideia e, principalmente, no que a solidariedade entre os gabelenses pode proporcionar.

CONTACTE-NOS  
E DÊ O SEU PARECER

*A Direcção da Associação*



## Opinião

# ARTE LITERÁRIA

Saramago, o mais recente nobel português, ao que se me afigura, esquece-se ou não quer deliberadamente atentar num dos aspectos importantes da forma artística: a pontuação.

Por isso mesmo, ao preocupar-se, como parece, quase em exclusivo com o conteúdo, deixa a sua obra literária desmatizada, algo desenxabida, truncada.

A arte exprime-se através da forma e do conteúdo da realidade representada em termos de mensagem ou de mero testemunho.

Se é verdade que é com o conteúdo que o artista dá calor, dá movimento, dá vida à sua mensagem ou testemunho, não é menos verdade ser a forma a dar cor, a atrair.

A forma agarra, conserva a atenção de quem recebe ou contempla a mensagem, o testemunho. O conteúdo ideológico deve sempre corresponder à forma. De tal modo que, por exemplo, quando o conteúdo ideológico é pobre e a forma é eloquente, a discrepância avulta.

A linguagem literária deve primar sempre:

– Pela clareza, qualidade que se obtém pelo emprego de termos próprios e adequados à ideia que se pretende traduzir;

– Pela pureza ou vernaculidade, qualidade que se obtém pelo uso exclusivo de termos da língua nacional;

– Pela correcção obtida através da observância das regras gramaticais.

A linguagem literária deve ser artística, deve ser elegante. Para tanto contribuem a harmonia e a ornamentação.

A harmonia, ou seja, a qualidade de soar bem ao ouvido, é obtida com recurso à variedade. Um texto literário deve ser variado para fugir à monotonia. E isso consegue-se através de mecanismos vários, designadamente:

– Através da pontuação, fazendo terminar umas frases com ponto final, outras com ponto de interrogação, outras ainda com ponto de exclamação, etc..

– Através do discurso, fazendo umas vezes uso do discurso directo e outras do discurso indirecto.

– O uso do acento tónico de forma adequada é importante.

– Não convém que a sílaba tónica incida sempre sobre as mesmas letras.

Se todas as sílabas forem acentuadas, por exemplo no /ou no a, elas tornam-se, conseqüentemente, pouco harmoniosas, pouco variadas. Para a variedade contribui também o recurso a sinónimos.

É monótono e portanto condenável o uso repetido dos mesmos termos, mormente no mesmo período. Deve-se recorrer a

sinónimos. Contudo, empregá-los sempre com propriedade a fim de se obter clareza.

Pois, em verdade, os termos podem ter o mesmo conteúdo ideológico e serem emocionalmente diferentes. Ao empregar os termos: velho, velhote, velhinho e jarreta, traduz-se a ideia, com qualquer um deles, de homem com idade avançada. Todavia, cada um desses termos tem o seu valor emocional próprio.

Velhinho, dá-nos a ideia de homem de idade avançada a quem se dedica certo carinho; velhote, homem nas mesmas condições, só que, em vez de carinho, desprezo; jarreta, tanto pior.

A ornamentação literária obtém-se através das figuras estilísticas que são modos de dizer que dão ao estilo graça, beleza e vigor e que se classificam em figuras de gramática, de pensamento e tropos ou imagens.

As figuras de gramática são bastante usadas na poesia. São liberdades poéticas que fogem às regras gramaticais, tais como: a síncope, a apócope, a metátese, a elipse, o zeugma, o pleonasma, a anástrofe, o hipérbato, o anacoluto e o assindeto.

As figuras de pensamento são modos de dizer intencionalmente, não traduzem aquilo que parecem querer dizer, tais como: a interrogação, a exclamação, a hipérbole, a apóstrofe, a prosopopeia (empresta sentimentos humanos a coisas inanimadas. Exemplo: os ramos da cerejeira estendiam à criança sequiosa os seus frutos verdes, penalizada por não os poder dar maduros), a perífrase e a antítese.

Os tropos ou imagens são figuras que mudam a significação das palavras, tais como: a comparação (a juventude é como a primavera da vida), a metáfora (a juventude é a primavera da vida), a alegoria, a ironia, a sínédoque e a metonímia.

Literatura de um povo pode definir-se como sendo o conjunto dos textos produzidos, originariamente, na língua desse mesmo povo com o intuito de despertar emoções estéticas, não só pela excelência das ideias como ainda pela beleza da forma com que elas são expressas.

Ao fazer-se a crítica de uma obra literária, importa ver se as ideias são puras ou se não; se ela contém alguma mensagem ou se não. É isso o fundo ou o conteúdo ideológico da obra. Ao considerar a forma, importa começar por saber se é em prosa, se é em verso e, depois, se é mais omada, se é menos omada.

As ideias, ou antes, o conteúdo ideológico deve sempre

corresponder à forma, pois, como acima já se disse e nunca será demais repetir, quando o conteúdo ideológico é pobre e a forma é eloquente há discrepância manifesta.

É qualquer coisa, assim, como um patego vestido de roupagens principescas.

Esse defeito é uma das características específicas do gongorismo: boa forma, conteúdo ideológico fraco na maioria dos casos.

Não existe correspondência entre a forma e o conteúdo ideológico.

Interessante é verificar que o conteúdo ideológico dos textos literários espelham de modo inconfundível a época em que são produzidos. São a expressão fiel dos períodos históricos em que viveram os seus autores.

De tal sorte que, na nossa literatura, através dos textos medievais, vemos os homens preocupados com a vida extraterrena. Totalmente voltados para Deus.

Já na época do classicismo, vemos o homem liberto do estado de espírito medieval. Vemo-lo mais confiante nos seus designios, mais senhor de si.

O ideal do classicismo coloca o homem acima dos deuses que até então o aguilhoaram:

"Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram."

Retenha-se que a literatura é um dos aspectos da arte. É uma das artes auditivas. A evolução da literatura é, em larga medida, paralela à das restantes artes.

Comparando a poesia trovadoresca com a arquitectura coeva, verifica-se uma certa afinidade entre elas. À singeleza da arte românica corresponde a simplicidade da poesia trovadoresca.

Outro tanto se verifica entre a poesia provençal e a arte gótica. A afinidade aqui, consiste em que as cantigas de amor apelam para um ideal inacessível e a arte gótica, com as suas características de perpendicularidade, representa um apelo à misericórdia divina.

Já no século XV, a poesia carrega-se de enfeites e de arrebiques com preocupações decorativas. São os omatos estilísticos, tais como: as antíteses, as hipérboles, etc., que se comparam com as características do gótico flamejante [gótico carregado de omatos, como o gótico flamejante propriamente dito (França); plateresco (Espanha); manuelino (Portugal)].

## Opinião

# PORTUGAL DOS PEQUENINOS

Portugal e os portugueses têm hoje o que merecem.

Vivemos segundo normas que nos são importas, que são injustas e com as quais não concordamos. A sociedade portuguesa é nivelada por baixo, havendo uma crise social de valores. São vários os exemplos de todos os dias, a que passivamente todos assistem e dos quais se demitem. Vejamos alguns:

– Uma criança que habitualmente pesca no mar está a pescar numa barragem do Alentejo. É apanhada por agentes da GNR, de emboscada, que fazem a apreensão de todos os apetrechos de pesca (que não são baratos) e que revertem a favor sabe-se lá de quem. A criança é identificada e os familiares têm que pagar uma multa. Uma criança que roube é só identificada; se estiver a drogar-se ou prostituir-se nem identificada é. Parece anedota, mas exemplos como este são de todos os dias.

– Um automobilista drogado e sem noção da realidade tem um acidente grave; faz o teste de alcoolemia e como não acusa álcool vai em liberdade. Um outro bebeu três cervejas, está sóbrio e teve um acidente. Faz o teste do “balão” e é detido, condenado e a carta apreendida.

– Se deixar o carro temporariamente mal estacionado, há sempre um agente solícito que multa e reboca o carro, num curto espaço de tempo. Se tiver um problema e chamar um agente da autoridade, aparece horas depois.

– Somos multados por não levar cinto de segurança, sendo muitas vezes o valor da multa superior ao ordenado mínimo nacional. Os agentes da autoridade, deputados e taxistas estão isentos. O maior contingente de acidentes de viação deve-se às motas; acidentes graves a que correspondem muitos traumatismos de coluna. Nas motas, logicamente não se usa cinto de segurança e ninguém limita a circulação, nem aplica normas de segurança. A verdade é que ninguém se preocupa com a nossa segurança e o uso obrigatório de cinto de segurança é um suplemento de receita para o estado.

– Os pilares de uma sociedade são a Habitação, Saúde e Educação.

Em Portugal, os preços das habitações é o maior do que em qualquer outro país. São oferecidas casas a quem não trabalha e a quem declara baixos rendimentos. A classe produtiva e os jovens casais são altamente penalizados, pagando o triplo do que pedem emprestado.

A Educação é cada vez mais para quem pode e não para quem quer. O ingresso na universidade

baseado em notas de ensino secundário é uma completa aberração. Em cada ano há livros diferentes e são diferentes de escola para escola no mesmo ano de escolaridade.

A Saúde merecerá uma análise exclusiva e artigo posterior. De qualquer modo, a Saúde também está a ser um direito de quem pode. Constitucionalmente, todos são iguais em direito à Saúde. Contudo, uns são mais iguais. Os doentes das AR's, que são os que mais descontam, têm que recorrer aos hospitais e sujeitam-se às listas de espera. Os outros beneficiários (ADSE, CTT, SAMS, Seguros) podem recorrer às clínicas privadas e serem tratados em tempo útil, pelo médico que escolherem. Dão-se seringas aos drogados, mas vendem-nas aos diabéticos.

Lembram-se um deputado a afirmar que havia em Portugal vacas loucas? Disseram os responsáveis que louco estava ele! O ministro da Agricultura comeu miolera de vaca e hoje a BSE é um problema de saúde pública gravíssimo.

Lembram-se do director do Instituto Nacional de Sangue aconselhar a não administração de um lote se sangue aos hemofílicos, por ser um lote suspeito e não testado? Demitiram o director, administraram o sangue e grande número de doentes contraíram SIDA. Pouparam uns milhares de contos e tiveram prejuízo de muitos milhares.

– A tributação de impostos penaliza quem trabalha, em vez de incentivar a produtividade. A política é obrigar a pagar mais quem já paga, em vez de obrigar a pagar quem foge ao “fisco”.

Quem não declara impostos oficialmente não tem rendimentos e é subsidiado. Empresas como a TAP tem subsídios de muitos milhões, enquanto outras são estranguladas pelo “fisco”.

As despesas com a justiça não abatem no IRS, porque os advogados que fizeram as leis e os economistas trataram de se isentar.

Os deputados têm reforma completa e avultada ao fim de oito anos e a maior parte do tempo nem ao Parlamento vão. Um trabalhador que desconte toda a vida, tem uma reforma mínima.

– Aconteceu que quando vim para Portugal, reformado de Angola, solicitei uma bolsa de estudo. As bolsas foram concedidas, nomeadamente, a chilenos. Nunca tive direito a qualquer bolsa, apesar de ser também refugiado.

– Porque será que não existem um Portugal reservas de caça? Existem mais caçadores do que caça e que se caçam, por vezes, uns aos outros. Vão tomar medidas quando não existir caça alguma.

– Porque será que no Porto não se pagam portagens nas pontes sobre o Douro e em Lisboa as portagens são cada vez maiores?

Já alguma vez se pensou o custo dos automóveis em “bicha”, traduzido em tempo perdido, gasolina queimada, desgaste, poluição, stress? Para o utente duplo prejuízo, para o Estado é meio lucro.

– Para que existe um Ministério de Ambiente se não existe em Portugal um rio que não esteja poluído? Se há um Rio Trancão e Ribeira do Jamor não devia haver Ministério do Ambiente. Se há Ministério do Ambiente não devia haver nem Rio Trancão, nem Ribeira do Jamor, nem praias com alcatrão, resultante da lavagem dos tanques dos petroleiros, a quem toda a gente fecha os olhos. Os que vieram a seguir que resolvam o problema, porque nós estamos cá pouco tempo.

– Ao visitar o Museu do Louvre constatei que o quadro do mês em Outubro era do português Baltazar Figueira, que viveu no século passado. Trata-se de um quadro notável de um autor que ninguém sabe quem é.

As informações que nos chegam referem-se a escândalos, novelas e “politiquice” caseira, que encham mas não alimentam.

– Na última viagem espacial, os espanhóis mandaram um astronauta. Portugal mandou um pacote de margarina para ver se “rançava” no espaço. Significativo!

– O Congresso mais publicitado refere-se ao das medicinas alternativas, em que curandeiros ignorantes ensinam com “ares” de catedráticos o que é o “bicho virado” e como se trata a “espinhela caída”. Cirurgias de ponta realizadas em Portugal ninguém sabe onde e como se realizam.

– Finalmente e a propósito da regionalização, gostaria de ver estes políticos a fazerem um mapa da regionalização em Angola ou no Brasil, em que qualquer distrito é maior que Portugal. Havia regiões propostas com cerca de 300.000 habitantes, quando hoje no mundo existem inúmeras cidades com mais habitantes que Portugal. Para mim, a regionalização seria a descolonização cá dentro. E não aprenderam nada com a história; são cegos que não querem ver.

Porque não fizeram referendo para entregar Angola? Alguém tem dúvidas que se tivessem feito um referendo em Timor, os timorenses teriam escolhido continuar com os portugueses? Quem disse que o Partido Comunista de Timor era o legítimo representante do povo de Timor?

## Recordando... NA MONTANHA



Estrada até à Quilsala

Maio de 1946 - Num dia cinzento, um jovem com 20 anos, festejados poucos dias antes, dirige-se ao porto de Leixões, nos arredores da *mui nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto*, a fim de embarcar no velho navio "Colonial". No cais, apenas um amigo de infância, a quem havia confiado o segredo daquela viagem. Não deu a data de embarque exacta aos irmãos e aos pais, primeiro para evitar constrangimentos e depois porque ele mesmo foi sempre avesso a despedidas.

O apito do navio na hora da partida mexe com o coração de qualquer um e, por mais forte e insensível que o nosso jovem quisesse parecer, não conseguiu evitar que as lágrimas jorrassem em abundância ao ver o barco afastar-se da querida terra onde passou a melhor fase da sua vida: os seus 20 anos.

Mas logo a sua mente se concentrou o propósito que o levou a decidir procurar novos meios de vida em outras paragens, visto que no "jardim à beira mar plantado" as coisas estavam muito difíceis. A Segunda Grande Guerra Mundial havia acabado há alguns meses e os países envolvidos estavam esfacelados, principalmente a Alemanha, país para onde o nosso jovem com 14 anos tinha sido convidado a ir estudar, na ideia de fazer carreira na aviação. A guerra começou em 1939, acabando com todos os sonhos dele.

Depois da tremenda "borrasca" logo na primeira noite a bordo (Oh... noitinha desgraçada! Cem anos que vivesse jamais a esqueci, de tal modo que até a tripulação enjoou.), lá chegou à Ilha da Madeira, pálido transparente como consequência do susto. Algumas horas no maravilhoso Funchal e lá seguiu para Las Palmas.

Nesta fase da viagem e já com algumas amigas

arranjadas a bordo, o nosso jovem começava a compenetrar-se da aventura em que se havia envolvido. Mas – e até talvez porque o velho sangue lusitano também tivesse a sua quota-parte na contribuição da aventura – logo começou a pensar no "Estabelecimento de Modas" que iria encontrar na Vila da Gabela, de propriedade de seus parentes, com quem iria trabalhar e de quem havia recebido a "carta de chamada".

De Las Palmas pulou para a linda Ilha de S. Tomé, onde o desembarque ainda era feito em pequenos barcos, sempre com o risco de alguém, por desequilíbrio, cair no mar e imediatamente ser devorado pelos tubarões que, naquela época, infestavam as águas daquela região. Daqui partiu para a etapa final, que era Luanda, onde o nosso jovem chegou depois de 22 dias vendo água e céu, baleias, golfinhos, tubarões, os engraçados peixes voadores e tantas outras variedades de peixes, que serviram como distração, quebrando com a monotonia de tão longa viagem.

Luanda, naquela época, era ainda uma cidade de casas baixinhas, com um movimento relativamente pequeno, mas já com a beleza traçada das marginais e da ilha do Mussulo.

Apenas um dia em Luanda, que mal deu tempo para melhor apreciar a cidade, e lá segue o nosso jovem de comboio para o Dondo. Ali teve de pernoitar, pois no dia seguinte viria uma camioneta de carga que o transportaria até à Quibala, onde ficou algumas horas, seguindo depois noutro transporte idêntico até à Gabela.

Quando o nosso jovem chegou à Gabela e dá de frente com aquilo a que pomposamente chamavam de "Estabelecimento de Moda"; só não desmaiou porque

era fisicamente bem constituído, pois um balde de água gelada teria produzido o mesmo efeito.

Sobre o balão que dividia metade do estabelecimento, um barril de 100 litros de vinho tinto com a respectiva torneira para servir os fregueses. Num canto da loja, um enorme monte de cebolas. Noutra canto, milho quase até ao tecto e ainda no último canto, feijão avinhado, mas em menor quantidade. Estes produtos eram o resultado da permuta feita com os fregueses, que traziam cebola, milho, feijão, etc. e levavam como pagamento panos para as mulheres se taparem, calções para homens e crianças, completando com o vinho que ali mesmo era bebido e que se traduzia em enormes bebedeiras, proporcionando espectáculos deprimentes.

Para quem, como o nosso jovem, vinha de trabalhar num escritório de uma firma alemã, onde começou com 10 anos, depois de concluir a instrução primária, e de onde saiu aos 20 anos para seguir na aventura de conhecer novas terras e novas gentes, foi duro o primeiro contacto. Principalmente porque nos 10 anos que viveu com alemães sempre foi tratado com o maior carinho e admiração.

Mas, outra solução não teve senão enfrentar a situação e procurar contornar a decepção que a primeira impressão havia causado.

## Recordar é viver (III)

# COISAS DO TEMPO DO KAPARANDANDA

Reitero o meu privilégio, o privilégio que Deus me deu de ter nascido em África, lá, nas margens do Rio Cuanza, entre o Cuanza Norte e Sul, no Libolo, Calulo, lugar do Luati, bem no interior de Angola.

Nasci lá, lá me criei e me fiz um homem de bem. Como já antes escrevi, deambulei por diversos lugares e, de todos eles, com gratas recordações. Recordo a minha meninice em Benguela e em São da Bandeira e, já crescido, na função pública por Calulo e Novo Redondo, para chegar à Gabela (Amboim), solteiro e bom rapaz, na pujança dos meus 28 anos.

Nunca pensei, contudo, que me pudesse ligar e afeiçoar tanto a uma terra, como aconteceu com a Gabela, talvez por ter bebido água do Rio Mazungue, minha terra de eleição e de adopção, onde permaneci cerca de sete anos, dedicando-me a algo a que sempre me senti vocacionado: apoio e promoção da juventude da minha terra.

Sempre desejei transmitir a minha experiência aos mais jovens, mesmo quando jovem, mas mais velho, de modo a promovê-los, ocupando os seus momentos livres, contribuindo para a sua valorização e formação, com actividades ao ar livre, privilegiando a natureza e através de exercícios físicos, modalidades desportivas, campismo ou outras acções que os mantivesse interessados, produtivos e, em especial, competitivos, pois o interior de Angola, ao tempo, não era propício à fixação dos jovens, que iam para os centros mais desenvolvidos para continuar os estudos ou à procura de emprego.

Porém, com a criação, na Gabela, do Ciclo Preparatório e, depois com a Escola Técnica tudo se modificou e tornou mais fácil e, os meus intentos facilitados, produziram efeitos. As actividades circum-escolares ficaram a meu cargo, como professor de educação física e as competições começaram a fazer-se através dos Campeonatos Provinciais que eram organizados pela Mocidade Portuguesa (MP). A Sub-delegação da MP da Gabela organizou-se, apetrechou-se, desenvolveu e incentivou diversas modalidades, criou estruturas (construiu um polivalente no ciclo), que teve a aderência e começou a competir, total apoio dos alunos. Fez disputar os campeonatos regionais e começou a competir, inicialmente, a nível distrital, onde a nossa hegemonia total, e, depois, a nível provincial. Fomos campeões provinciais de aeromodelismo (competimos a nível nacional) e obtivemos lugares de destaque no atletismo, para além de competirmos nos campeonatos provinciais



de basquete, futebol de salão, voley e em carros de sabão em que obtivemos 1ºs prémios em Luanda depois de, em absoluto, vencermos os distritais em Novo Redondo.

A nível regional o desporto e não só ocupou os jovens com a organização de campeonatos, festivais escolares, em que a nossa classe especial de ginástica era atracção com a modalidade de saltos livres. Mantivemos o intercâmbio entre os jovens, recebendo e visitando outros locais. Nas férias escolares patrocinámos os "centros de trabalhos", promovendo a obras de carácter social, sob a égide dos Serviços de Educação e Comissariado da MP, integrando e colaborando na construção de postos escolares e de saúde em povoações no interior do Amboim onde, a palavra de ordem instituída era a boa e sã camaradagem de uma juventude que se aproveitou dos meios disponibilizados para promover a sua terra, conviver, divulgá-la, engrandecê-la e também para se preparar para a vida que se avizinhava ser competitiva.

Os exemplos de sucesso apareceram e eram patentes e o meu orgulho inolvidável quando, em contactos esporádicos, me apercebia que havia sempre um jovem gabelense de sucesso no extracto da sociedade em que vivíamos e, para além de mim, também uns pais orgulhosos de seus filhos.

Como já referi, a Gabela foi a minha terra de adopção, pelo muito que lhe devo na realização dos meus objectivos, não só ligados à juventude a que me afeiçoei, mas porque lá constituí família, me casei com uma gabelense e nasceram as minhas filhas, vivendo inolvidáveis tempos de gratas recordações e, acima de tudo me senti realizado por ter transmitido o

que de bom assimilei e o melhor que de "homem" podia dar: sentido de responsabilidade e liberdade de acção. Por isso o lema instituído, desde sempre, nas actividades da Sub-delegação da MP da Gabela, inscritas a letras de ouro no seu nobre guião:

**"O MÁXIMO DE LIBERDADE, COM O MÁXIMO DE RESPONSABILIDADE."**

O resto foi tudo muito fácil. Uns jovens do melhor, generosos e super entusiasmados. Actividades programadas, boa camaradagem e um desejo único: divulgar a nossa Gabela, de que nos orgulhámos e que tanto amámos. Deus deu-me o privilégio de viver nessa terra, onde me senti realizado...

Aos que lerem estas despreziosas linhas, que mais não representam que um louvor merecido aos jovens que tive a honra de dirigir, endereço o meu reconhecimento pela atenção que me dispensaram e/ou o apoio que, eventualmente, me tenham dado, facilitando a minha nobre missão de que me orgulho e, repito, os generosos jovens do meu tempo na Gabela, tiveram um papel preponderante. Esta é a minha retribuição e o elogio público que sempre desejei fazer aos jovens da Gabela que me apoiaram e ajudaram a ser um HOMEM de bem.

**BEM HAJAM E RECORDEM ESTES TEMPOS COM ORGULHO.**

*Silva Carvalho*



# DE JEEP A BISSAU

AS AVENTURAS DE UM GABELENSE

3ª PARTE

CARLOS FELGUEIRA



## MALI

Uma grande placa na areia indicava-nos que íamos entrar no Mali. Uma cadeia de montanhas aparecia à nossa frente. Mal nós sabíamos que íamos entrar no inferno. As pedras da pista, tipo lousa, muito afiadas, cortavam os pneus aos holandeses. Estes levavam quatro pneus sobressalentes em cada carro. Como eram fortes, não precisavam de macaco. A braço, levantaram o carro e uma rapariga encaixava um pneu novo. À chegada a Tassilit, o ambiente era outro. Chegávamos à África Negra. Todos muito simpáticos, mas umas formalidades aduaneiras muito demoradas. Só o "tipo" do seguro, que teimou em preencher o mesmo à máquina, demorou-nos duas horas. Resolvemos acampar num oásis que se avistava da aldeia e onde eles diziam haver água muito límpida e fresquinha. Depois dos banhos, preparávamo-nos para jantar, quando tivemos a visita de dois tropas. Vinham-nos oferecer uma cabaça cheia de tomates, alface e pepinos para uma salada. Contaram-nos que tinham o motor de rega parado por falta de óleo. Ofereci-lhes dois litros de óleo e estes desfizeram-se em agradecimentos. No dia seguinte, depois de fazermos uns míseros 150 quilómetros, chegávamos a Anguelck. A pista era intransitável, pedras e mais pedras. Resolvemos entrar numa cubata que dizia "Restaurant" e procurar um guia que nos levasse a Gao pela areia. Depois de bebermos umas cervejas, comido umas latas de ananás em calda e tomado o chá da praxe (um chá que as gentes do deserto tomam para tirar a sede e que nunca descobrimos de que era feito), apareceu-nos um tuareg que nos tirava das montanhas e nos levava pela areia num dia até Gao, mas queria 10 mil escudos. Depois de muito discussão, o preço ficou em 6 mil escudos. Prosseguimos e fomos



acampar já na planície a uns 30 quilómetros. De madrugada, ainda de noite, o guia acordou-nos. Tínhamos de sair cedo para chegarmos ainda nesse dia a Gao. Esta nova pista tinha zonas de areia muito mole (parecia pó talco). Numa destas zonas, o jeep começou a querer ficar preso. Meto-lhe as mudanças todas, mas não consigo aguentar o andamento dos meus companheiros. Para meter o reforço é preciso pará-lo. Pior, agora é que ele não arrancava. Tive de lhe vazar os pneus para metade da pressão; arranquei e parei-o num sítio mais rijo. Entretanto, tinha perdido de vista os holandeses e o guia. Estes, com medo de ficarem enterrados, não tinham parado. Ali estava eu, meio perdido, no meio de uma tempestade de areia, rodeado de trilhos de carros e sem

saber para onde seguir. Algumas espinheiras tapavam a visibilidade do horizonte.

– Carlos, tem clama que tudo se resolve.

A frase do costume. Nisto, uma nuvem de pó maior. Seriam eles? Não. Era um árabe com uma station Landrover carregado de mulheres, com a cara tapada com os respectivos véus. Uma delas baixou o véu e sorriu-me. Minha mulher não gostou. Perguntei-lhe se tinham visto os meus companheiros. Não.

– Devem ter ido por Buren. Uma pista mais longa, mas melhor para se chegar a Gao. Venha atrás de mim, porque eu conheço bem esta pista.

O Toyota, com os pneus meios vazios, não

*Abastecimento de água e descanso...*


aguentava o andamento do árabe. Resolvi parar num acampamento de tuaregs para os encher. O pequeno compressor eléctrico ligado à tomada do isqueiro funcionava maravilhosamente. Os meus hospedeiros tinham matado um carneiro e estavam a assá-lo nas brasas.

Ofereceram-nos alguma carne que assámos e nos soube a pitéu, pois a luta era árdua e estávamos sem comer desde manhã. Estávamos nisto e dois carros aproximaram-se a grande velocidade com as luzes acesas. De dia! Só podiam ser os holandeses. Grandes abraços; eles estavam mais aflitos do que nós por nos termos desencontrado. Também comeram carne e seguimos.

Começavam a aparecer com mais

frequência as espinheiras características do Sahell. Mais um furo numa roda de trás. A areia empurrada pelo vento, batendo consecutivamente nos paus secos que se encontravam no trilho, afiava-os transformando-os em autênticos pregos.

Estava a pôr o macaco debaixo do carro quando ouvi umas palavras e uns sons não vulgares naquelas paragens. Olhei para trás e vejo umas lindas pernas, encimadas por uns calções muito curtinhos. Lá em cima, uns olhos muito azuis, meios tapados por uma cabeleira loira. Seria uma miragem? Com o barulho do vento, não me apercebi que se tinha aproximado uma inglesa que tinha parado o jeep atrás de nós.

Perguntou-me se precisava de ajuda e se

tinha visto um inglês com um Landrover verde. Respondi-lhe que sim, no dia anterior em Anguelock; tínhamos bebido umas cervejas juntos e como ainda lá tinha ficado muita, talvez ele ainda lá estivesse. Riu-se e resolveu voltar atrás. Ao anoitecer, chegávamos finalmente à tão falada Gao. O guia levou-nos a um acampamento. Tomei um duche e bebi de rajada duas cervejas de sete decilitros. As instalações constavam de uma série de camas em cima de um terraço.

À luz das estrelas não se devia dormir mal, mas eu preferi ir para uma espécie de hotel que lá havia. Jantámos com os nossos amigos holandeses uma grande dose de espagete guisado com carneiro e fomos ver os quartos. Não havia água na casa de banho porque havia luz; quando havia luz, não havia água. Finalmente, quando se apagou a luz, apareceu água mas só no duche, porque como as torneiras não vedavam, alguém lhes havia metido uns tacos de madeira nas pontas. O ar condicionado só soprava ar quente. Há falta de melhor, tudo aquilo servia.

De seguida, tínhamos que ir à polícia. Como era sábado retiveram-me o passaporte e só mo devolveram na 2ª feira. Domingo estavam fechados. Depois de uma série de noites a dormir na areia, tínhamos finalmente dormido numa cama. Nessa manhã, a mulher entreteve-se a lavar o jeep por dentro. Por baixo da porta de trás escorria uma massa feita de uma mistura de gasóleo, manteiga, azeite, vinho, etc..

– Maldita indústria portuguesa que só sabe fazer uma jerricana cujas tampas nunca vedam! – desabafei com a minha mulher. Temos é que comprar outro arroz, porque este gasóleo não se pode comer.

Eu entreteve-me com a mecânica do carro. Mudei-lhe o óleo, filtros e dei um aperto



A caminho de Gao

geral a algumas peças. Fui comprar câmaras de ar novas e um taureg ajudou-me a montar duas. Guardei três para o que desse e viesse.

À tarde fomos todos até ao rio Niger. Os holandeses lavaram os carros e resolveram tomar um banho na sua margem. Estava a olhar para a margem oposta quando vejo aparecer fora de água o focinho de vários crocodilos. Apontei-lhes para lá e tenho a impressão que, nessa altura, bateram todos os recordes olímpicos de natação. Já noite regressámos ao hotel. Jantámos a velha galinha frita (único prato que serviam) e mandei vir uma garrafa de whisky para festejar a despedida. Troca de endereços e promettimentos de novos encontros. Já à despedida diz-me Cristoffe:

– Só mais uma pergunta: porque é que guia só com uma luva e na mão esquerda?

– Olhe para este calo e bolhas de água que tem a palma da mão. A direita praticamente só mete mudanças e levo-a sempre em cima da alavanca das velocidades, por isso não tem ferimentos absolutamente

nenhuns. Apanhei este jeito quando tirei o brevet de piloto de viação. À a mão direita vai sempre agarrada ao acelerador e só a esquerda manipula o manche.

No dia seguinte, logo de manhã, o calor era insuportável. Um empregado do hotel levou-me a casa dele e arranjou-me cem litros de gasóleo. Estava para partir e diz-me a minha mulher:

– Então, não vais ao banco trocar dinheiro?

– O quê?! Já gastaste 200 contos em francos franceses?

Ela era “o caixa” e nunca esperei já ter gasto aquela quantia. Tive de recorrer à reserva. Abri a caixa de chapa do filtro do ar (o meu cofre secreto) e tirei mais cinquenta contos em marcos que fui trocar. No banco não estava ninguém, mas demorou hora e meia a fazer a operação. Ai, esta África minha. Quando cheguei ao carro, minha mulher já estava em pânico por tanta demora.

A uns dez quilómetros da cidade, apareceu-nos o Niger com os seus mil

metros de largura. Esperava encontrar uma jangada feita de troncos de árvores, idêntica às que nós utilizávamos há 40 ou 50 anos para atravessar o Cuanza. Mas não! Era muito sofisticada: em ferro, com um bom motor e chegava a levar camiões de 30 toneladas. Depois de uns quilómetros, enfim encontrava novamente asfalto. Aqui, um controlo de polícia vistoriou-me o carro. O costume. Tinha de levar água, gasóleo, etc.. Estava para prosseguir e diz-me o polícia:

– Falta o extintor. Não pode seguir!

– Olhe, senhor guarda. Isto não trabalha a gasolina, mas sim a gasóleo.

– Então, pode seguir.

Agora a estrada alternava entre asfalto, pista má e pista boa.

– Mérita, dentro de meses, esta transafricana deve estar pronta e vai ser rápido chegar a Bamako.

Ao fim de mil quilómetros, o facto de não encontrar gasóleo estava-me a preocupar.

*Continua no próximo número*

## UMA REUNIÃO PLENÁRIA

### Aos meus ex-alunos e alunas do Liceu da Gabela

Quando andava no 12º ano, a minha filha mais nova, nascida na Gabela, disse-me, na Segunda-feira que no Sábado seguinte havia uma Reunião de Turma e queria que eu estivesse presente. Voltou a repetir-me este desejo na Quarta-Feira e na Sexta. No primeiro dia eu quase fiz ouvidos de mercador, ligando pouca importância ao assunto e quase não fixei a data nem a hora. Da segunda vez já prestei atenção e fixei o horário e o dia; da terceira, tomei a coisa a peito e resolvi, sem o declarar, ir à Reunião. No Sábado, uma hora antes, depois de voltar a ouvir a recomendação, com tanta ênfase e interesse, eu não podia faltar.

Quando cheguei à sala de Reunião reparei que estávamos, apenas, três pessoas: duas senhoras e eu. A turma tinha 30 alunos. Se todos os alunos/as da turma tivessem feito uma motivação assim, como fez a minha filha, junto do pai, pergunta-se: quantos pais faltariam?

Ainda me lembro, como se fora hoje, do contexto em que decorreu a primeira Reunião Geral de Encarregados de Educação do Liceu Nacional Pedro Alexandrino da Cunha, na cidade da Gabela e da semana de preparação que a antecedeu. O edifício era novo, à estreia; era o primeiro ano em que, na Gabela, havia o ensino liceal; o director da Escola Técnica, que a administrava, cedeu-nos algumas salas de aulas, um gabinete para Secretaria e dois gabinetes, um para a Reitoria e outro para servir de Sala de Professores.

Na altura, eu era relativamente jovem, cheio de estudos, de cursos e de ideias,



especializado na função que exercia e com uma vontade louca de exercer uma acção pedagógica segundo o figurino da modernidade e da criatividade. Tendo em atenção que, em primeiro lugar, estão as pessoas; privilegiando, acima de tudo, as pessoas, – os alunos, os professores e os funcionários. Era todo 'prafrentex', como se costuma dizer. Posso dizer que com uns alunos esplêndidos e tão afáveis, achei que era o momento e o lugar para ensaiarmos experiências pedagógicas inovadoras que se revelaram muito proveitosas e deram àquela escola um ar de modernidade e de camaradagem dignos de registo.

No mesmo edifício funcionava a Escola Comercial e Industrial D. António Barroso com cujo director tive um bom relacionamento. E quando com ele estive na semana em que decorria a preparação da nossa Reunião, ele disse-me:

– Vai haver muito pouca gente para a sua Reunião. Eu respondi-lhe: – Pois fique o

senhor sabendo que vou ter a sala cheia, hão-de vir os pais de todos os alunos e alunas. Ele riu-se, como a querer dizer que isso era impossível, e concluiu dizendo que os pais não ligam nada a estas coisas.

A Reunião foi avisada com uma semana de antecedência. Todos os alunos levaram para casa um Aviso com a data do dia e a hora. Mas todos os dias eu passava por cada uma das salas de aula, durante o seu funcionamento, a motivar os alunos, responsabilizando-os pela comparência ou ausência dos pais, depois de lhes ter falado sobre a importância da Reunião. No primeiro dia, os alunos ouviam sem grande interesse mas, à medida que os dias iam passando, mais se ia arreigando neles a ideia e a vontade de se fazerem representar pelos pais. Se o pai ou a mãe não vinham era porque o filho/a não tinha insistido para que viessem, ou não estavam interessados na sua presença. O que mostrava falta de interesse pelos estudos,



etc., etc., – era a tese que eu defendia. E, assim, as minhas palavras iam entrando, primeiro naquelas cabecinhas, depois, lá dentro, no coração de cada um.

Eu estava vendo passar os dias com grande expectativa. Sempre queria ver em que tinham dado as minhas preleções e incitamentos. Mas confiava em que a coisa ia ser um sucesso.

Chegou a noite da Reunião. Os pais e mães começavam a comparecer até que chegou a hora de começarmos. Estavam presentes todos os professores do Liceu, tendo cada um deles feito a sua apresentação. A sala estava à cunha. Contando bem, verificar-se-ia que o número de pais presentes ultrapassava o número de alunos que frequentavam o Liceu. Porque alguns destes fizeram-se

representar pelo pai e pela mãe. Depois, entrou-se na ordem dos trabalhos, estando toda a gente muito receptiva e muito dialogante. Foi uma Reunião inesquecível pelo cunho de participação. Nunca se tinha visto coisa assim. Aos leitores que me lerem que tivessem estado presentes, devem concordar comigo, lambrados que estão do evento.

Tudo se deveu, afinal, a um trabalho pedagógico de preparação chamado 'motivação' que surtiu o efeito desejado. Em relação ao caso da Reunião da minha filha, há uma diferença. É que o trabalho que eu fiz junto dos alunos fê-lo ela junto de mim. Quer dizer: no primeiro caso, a obra era da aluna que incentivou o pai, a escola limitara-se a mandar o Aviso. No segundo, também foram os alunos a levar

os pais, só que tiveram de ser pressionados, motivados, pelo Reitor da Escola. Mas, tanto num caso, como no outro, o resultado do sucesso estava à vista. O mérito julgo que se deve atribuir mais aos alunos e às alunas do que ao Reitor porque, se eles não tivessem respondido pela afirmativa de um modo tão expressivo e eloquente, que valor teria a motivação?

O que está na base do sucesso é um conceito muito básico e muito importante que eu tive sempre presente em todas as fases do processo: não há nenhum pai ou mãe que recuse a um filho/a o que lhe peça. Desde que seja exequível, razoável e proveitoso. E mais, quando os pais vêm o elevado grau de interesse dos filhos.

Não sei as voltas que cada aluno/a deu lá em casa para levar os pais a participar, nem quantas vezes foi preciso insistirem para conseguirem o resultado da sua presença. Sei, apenas, de um caso paradigmático que o próprio me contou. Cito-o textualmente:

– “Senhor Reitor, para eu poder hoje e a esta hora estar aqui, venho de uma viagem de 400 quilómetro, de Benguela. Eu só vinha dizendo comigo, pelo caminho: só quero chegar a tempo de poder mudar de camisa. E cheguei. Aqui estou!” Não me ocorre o nome do senhor. Sei, apenas, que era o proprietário da “Auto Universal”.

Mais palavras para quê?

Não vamos dizer que nas nossas escolas se devia fazer um trabalho semelhante. Atente-se que há escolas que deviam ter mil alunos – e já seria muito, e têm 4 mil; que há escolas onde os alunos não conhecem o director que, nem sequer, sabem identificar. É que em todas elas os directores vivem permanentemente afogados em papéis. Mas seria necessário motivar mais do que se motiva. Sobretudo, seguir este slogan: “responsabilizar os alunos é preciso”.

Artur Neto Gonçalves

## UMA FARTURA DE MEXILHÃO

De vez em quando, o nosso amigo Sr. Silvestre, professor da Escola Preparatória da Gabela, pai do Dr. Jorge Rosa Domingues e com um filho e uma filha no Liceu da mesma cidade, convidava-nos, de vez em quando, a mim e aos meus familiares, para um almoço na sua Roça. Era um gesto que nunca esquecemos e que agradecemos.

Pois um dia o senhor Silvestre quis fazer-nos uma surpresa. Convidou um grupo de umas 26 pessoas, entre adultos e algumas crianças, e fomos na direcção de Novo Redondo. Aí, a meio do caminho, conduziu-nos a um local ermo, sossegado e sobranceiro, a lindar com o mar que ficava lá em baixo ao fundo de uma profunda e quase incessível ravina. Não havia caminho ou vereda para chegar à praia. Mas a intenção foi essa, descermos lá abaixo e colhermos mexilhão para o almoço. Tivemos grande dificuldade em descer mas, põe o pé aqui, escorrega além, segura-te acolá, lá conseguimos todos, adultos e crianças, chegar. A praia era virgem, quero dizer, parecia nunca ter sido pisada por pé humano, dada a sua quase inaccessibilidade. E pela negrura das rochas, era de crer que nunca ninguém tivesse passado por ali a fazer a apanha de mexilhão de tão grande porte. Nós fomos prevenidos com sacos para a colheita e transporte dos moluscos. Toda a gente pescou nesse dia. Havia toda uma facilidade, ajudada pela pouca profundura das águas que vinham bater ao de leve nas muitas e variadas rochas. Foi um trabalho gostoso porque o mexilhão abundava e estava

ali à mão de semear. Toda a gente apanhou, mesmo as crianças. Como éramos muitos, apanhámos, no total, talvez umas duas centenas e meia de quilos. No fim é que foram elas. Eram tantos e tão grandes, que houve necessidade de repartir a colheita por todos. A subida foi difícil e, ao longo da escalada, chegou a haver cenas de um cómico indistigável provocado por quedas frequentes e pelos ditos graciosos que as acompanhavam. No fim, todos chegaram a bom porto cansados mas felizes.

Depois, veio a azáfama da preparação do almoço. De que se encarregaram as senhoras. A ementa era uma senhora caldeirada onde a mexilhão, mais do que a batata, era o rei. Nunca tínhamos tido uma refeição tão abundante deste precioso alimento, tão bem confeccionada e tão gostosa.

A Gabela e o seu termo tinha destas coisas inesquecíveis que hoje podemos, apenas, lembrar. Angola, uma terra tão rica, tão farta de tudo e hoje os seus habitantes a morrerem de fome. Fome provocada pela insegurança de uma guerra que já dura há mais de 20 anos. E sem vislumbre de melhores dias.

Artur Neto Gonçalves

## SENHORES DO SEU DESTINO

A actual geração desta terra é herdeira de um passado que pode comprometer o seu futuro porque foi desmotivada no seu envolvimento humano, social e económico.

O sistema socialista criou o "estado providência" que tudo dava gratuitamente: saúde, escola, livros, alimentação, emprego... Bastava ser militante e tudo se conseguia, e às vezes até com pouco esforço. Seguiu-se a guerra que, para além da destruição das pequenas ou grandes estruturas, desmotivou novos empreendimentos. Passou-se à gestão e manutenção de estruturas velhas e degradadas. A par desta situação, e para ajuda às povoações carenciadas, vieram as ajudas humanitárias através de programas de emergência... e tudo era recebido gratuitamente. Deste modo, o "estado providência" e as "emergências" conduziram muita gente para a apatia social. As pessoas, habituadas a tudo receberem de graça, perderam a criatividade e empenho pessoal e comunitário no seu auto-desenvolvimento.

A seguir à emergência, vieram os programas de desenvolvimento, também eles viciados pelos projectos de "comida pelo trabalho". Deste modo, só se fazia qualquer coisa se houvesse comida. Ou seja, o importante não era a escola para os filhos, o posto de saúde para a comunidade, a latrina para a higiene pública e até a água para a população... mas a comida dada como paga. Todas essas coisas tomaram-se "necessidade" por causa da comida.

Todo este estado de coisas criou tais vícios que hoje há pessoas e comunidades que nada fazem para melhorar as suas condições de vida, mesmo com ajudas em materiais e meios, se não houver dinheiro para salários ou pelo menos comida pelo trabalho. Criou-se um estado de dependência esperando que tudo seja dado... Ora, hoje não há nenhum país do mundo, mesmo nos mais ricos, onde o Estado dê tudo. A saúde, o ensino, a preparação profissional, a busca de emprego... exigem muito esforço e dinheiro pessoal. Então, como queremos que esses organismos

internacionais nos venham ajudar se as pessoas não colaboram o mínimo para o seu auto-desenvolvimento? Num país envolvido numa grave crise económica, como se pode pretender que seja o Estado a dar tudo?

O momento actual pede a todos nós, particularmente aos cristãos, que nos empenhemos no nosso futuro e no futuro das novas gerações, através de um compromisso muito sério na busca de soluções, aproveitando as ajudas que nos são oferecidas, mas usando também os poucos ou muitos recursos locais ao serviço do bem estar colectivos. Só assim podemos construir um futuro feliz para todos. Caso contrário, ficaremos cada vez mais dependentes. Não basta que Angola seja um país rico. É necessário gerar a riqueza através de muito trabalho e de uma gestão muito séria e honesta.

Chegou o tempo de andar com o chapéu na cabeça, em vez de andar com ele aberto na mão.

In "O Amboim", Boletim Inter-Paroquial, nº 15. 1998

### EXTRACTO DA CONTA CORRENTE REPORTADA A 31 DE DEZEMBRO DE 1998

#### MOVIMENTO DE RECEITAS

Saldo em 31 de Dezembro de 1999 .....	1.187.302\$00
Quotas do ano de 1995 .....	4.500\$00
Quotas do ano de 1996 .....	12.000\$00
Quotas do ano de 1997 .....	69.000\$00
Quotas do ano de 1998 .....	292.435\$00
Brindes, galhardetes, camisolas, emblemas, etc. ....	28.300\$00
Ofertas 1998 .....	500\$00
Juros de depósitos .....	23.511\$00
	430.246\$00
<b>Soma .....</b>	<b>1.617.548\$00</b>

#### MOVIMENTO DE DESPESAS

Composição gráfica Boletim (nº 2) .....	24.000\$00
Correio Boletim (nº 2) .....	57.365\$00
Oferta ao Colégio Salezianos .....	10.000\$00
Aluguer do Parque (Junta de Freg.) .....	40.000\$00
Correio (Secretário) .....	1.369\$00
Aluguer Aparelhagem de Som .....	50.000\$00
Aluguer de mesas .....	80.000\$00
Composição gráfica Boletim (nº 3) .....	24.000\$00
Correio Boletim (nº 3) .....	34.625\$00
Boletim O Gabelense (nº 3) .....	74.877\$00
Entrevista com jornalista .....	10.000\$00
	406.236\$00
<b>Saldos:</b>	
Em depósitos à ordem .....	411.311\$50
Em depósitos a prazo .....	800.000\$00
	1.211.311\$00
<b>Soma .....</b>	<b>1.617.548\$00</b>

As contas reportam-se ao movimento da actual direcção e são reportadas ao ano de 1998, com o apuramento do saldo de Esc.: 1.211.311\$50, comprovado pela prestação de contas da tesouraria.

O Tesoureiro, ass. Acácio Oliveira

O Presidente, ass. Luís Silva Carvalho

# JOSÉ SANTOS

## O OURO DA GABELA

### A CRIANÇA

Em Figueiró dos Vinhos, em plena zona de fogos florestais, nasceu José Fernando da Conceição Santos, dito o "parafuso", filho de um agricultor - Amindo da Conceição Santos - e de Maria Amélia da Conceição Santos Baptista.

Esta terra, alcantilada de vastos pinhais, deu-lhe a preparação física de que viria a precisar para ser um atleta de eleição. E de uma terra de fogos nasceu um menino que havia de "mandar brasa" - era mais rápido que um funcionário público a sair da repartição!!!

Na Gabela, desde 55, o Zé Santos criou raízes e teve a vida de qualquer criança: brincadeira e mais brincadeira, dormir, comer e mais brincadeira.

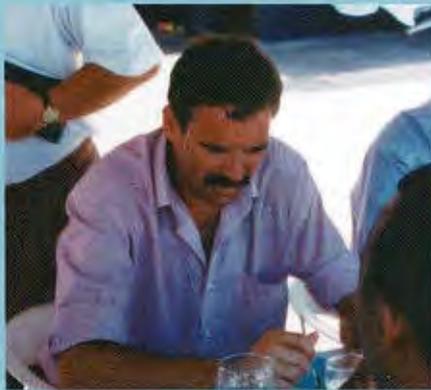
### O ESTUDANTE

Aquela chatice dos estudos começou na Sétima. Lembram-se da escola primária da Sétima? Seguiu-se o trivial: Ciclo Preparatório e Escola Industrial. Com as peripécias normais de qualquer adolescente, a sua vida de estudante prosseguiu sem qualquer sobressalto. Do resto, mais adiante falaremos. Influenciado pela prática desportiva, o José Santos, o "parafuso", instalou-se em Luanda, onde começou a estudar na Escola de Educação Física e, então, começa a parte brilhante do nosso estudante.

Os acontecimentos de 75, forçaram-no a mudar para o Porto, onde acabou o bacharelato. Mas não se ficou por aqui! Já calejado e habituado ao esforço físico e mental, o gabelense José continuou. Bacharelato era pouco, licenciatura era o passo seguinte. E, assim, a Universidade Lusófona de Lisboa viu nascer mais um doutor que era da Gabela. Seria altura de parar. Anos depois, este teimoso gabelense voltou à liça e só se satisfaz quando terminou o mestrado, na Faculdade de Ciências, Desporto e Educação Física do Porto.

### O ATLETA

Em 1968, um 3º lugar num corta-mato na Gabela abriu-lhe as portas para o Atletismo. No ano seguinte, já na especialidade, ganhou em Novo Redondo os 80 e os 300 metros. Depois, sempre para cima como um foguete. Lembro-me dele, praticamente sozinho, ter dado um campeonato da Mocidade Portuguesa ao Quanza Sul. O nome projectou-se em toda a Angola! Foi convidado para os campeonatos de Angola de Atletismo; certamente não mais esqueceram o montanhês do café que, "com uma perna às costas", venceu os 100 metros, o salto em comprimento e o triplo salto, com os respectivos



recordes, tomando-se assim o super vencedor dos campeonatos de Angola de Atletismo. E eu lá estava, reboladinho de gozo. *Puxa, "minino"! Vai ser bom assim lá no inferno!!!*

E a saga continua! Seleccionado em 72 para os últimos jogos luso-brasileiros, vice-campeão nacional dos 100 metros, tudo isto representando a Gabela. Mais tarde, representa o Sporting de Luanda e foi convidado pelo Sporting Clube de Portugal. Não aceitou este convite por diversas razões - longe dos pais, namorada, amigos, ... Portugal, país nobre, com tantos problemas (saúde, educação, etc.) não dedicava a devida atenção ao desporto, salvo o futebol. Por isso, os nossos atletas viviam e murchavam sem ter demonstrado as suas potencialidades.

No caso vertente, o José Santos passou ao lado de uma grande carreira internacional. É doloroso ver que este diamante não foi devidamente burilado e mostrado no máximo do seu valor. Como é possível que se perca a oportunidade de exibir a toda a plateia internacional, um atleta deste calibre? Este atleta, tal como uma flor, autorevelou-se. Não teve ajuda de ninguém, excepto no auge da sua carreira, mas aí era tarde! Nada poderia ser feito para os da "estranja" saberem que guardávamos, portas dentro, um desportista de grande valor internacional.

### O HOMEM-MARIDO-PAI

José Fernando da Conceição Santos, um homem digno desse nome, demonstrou ao longo da sua vida ser dedicado, perseverante e trabalhador, qualidades que fariam dele um vaidoso se não fosse tão modesto. Defeitos? Também tem, nas isso deixo para os seus inimigos, se os tiver. No amor é assim: ou entra "à bruta" como quem leva um murro entre os olhos e se fica "gagá", ou como uma trepadeira agarra-se ao pé, sobe muito suavemente e enrosca-se pela perna. Mais tarde, sobe ao peito e, muito delicadamente, toma o

coração! E zás, fica-se "gagá"!

Onde foi que o "parafuso" conheceu a sua rosca? Praticamente em casa. Na Escola Industrial conheceu a Lucildina (Simões de Oliveira), hoje sua esposa e também, caso curioso, licenciada em Educação Física. Conheceu-a, dizia eu, e ficou "gagá"!!! Desta união nasceram três filhos: Solange, licenciada em Educação Física, Carina está no 11º ano e José com oito anos, aluno do Ensino Básico. Como podem verificar, existem, por enquanto, três doutores na família, todos em Educação Física. É uma família onde a Educação Física pegou de estacal

### O PROFESSOR/TREINADOR

No seu regresso de Angola, José Santos começou a dar aulas em Oliveira do Bairro, enquanto representava o F. C. Porto como atleta, seguindo-se o ACM de Coimbra, na qualidade de treinador/atleta.

Aveiro, digo, a Associação de Atletismo de Aveiro convidou-o para Director Técnico Regional. Ficou.

### O FORMADOR

Podem pensar que as palavras atrás descritas saem da pena de coração amigo. Nada mais falso! Facilmente se comprova o óbvio. É responsável distrital de Atletismo, técnico do Instituto Nacional do Desporto, técnico Nacional de Juniores e, por fim, a distinção máxima: Formador Internacional da IAAF (entidade que comanda o atletismo a nível mundial), com constantes visitas de formação a países estrangeiros com relevo aos países lusófonos. Não me digam, por favor, que só digo isto por amizade!

### EPÍLOGO

Nesta curta e despretensiosa biografia que procurei sintetizar ao máximo, pouco digo. Mas creio que digo o suficiente para informar muitos gabelenses que, tenho a certeza, nem sonhavam que tal "monstro" se tinha criado na Gabela. Bonito é ver a paixão que tem pela modalidade que abraçou, que é ver como brilham os seus olhos quando fala emocionado da sua obra, passada e futura. Como já vastas vezes salientei, foi um atleta tremendo e é um treinador competente e respeitado. E tudo isto, senhores, com uma modéstia de pasmar! Como que envergonhado, pede desculpa de ser campeão, um bom marido, um excelente pai, um grande amigo e, enfim, um *grande homem*. Possivelmente, na nossa Gabela, alguns terão voado como ele, mas nenhum tão longe, nem tão alto!!!